



**PREMIUM.** As transmissões de futebol em direto são um dos produtos televisivos mais apetecíveis e disputados pelas televisões

diretor-geral da estação, numa entrevista a Record em fevereiro último. Nessa mesma entrevista, o responsável da Eleven mostrou-se cético em relação ao aumento imediato do valor do bolo total da Liga portuguesa. "Acho que, numa primeira fase, esse valor já está no seu pico. Se me perguntar se há espaço para crescer o valor global das receitas, digo que sim", apontando para um prazo de "10 a 15 anos" para o conseguir fazer, sobretudo através de novas formas de distribuição, nomeadamente com a criação de pacotes específicos, bem como do aumento das receitas internacionais (atualmente praticamente inexistentes) e de novas formas de monetização, em particular no mundo digital, que inclui conceitos abstratos para a maior parte dos adultos, como fan tokens, NFTs ou Metaverse.

Este último ponto merece a concordância dos responsáveis da Liga, onde há a consciência de que há muito mais a fazer do que apenas vender direitos de transmissão aos adeptos através de um canal linear, chame-se ele Sport TV, BTV ou Eleven. Fonte envolvida no processo aponta para a necessidade de ir buscar receitas onde atualmente não existem, como por exemplo na cedência de direitos para o mercado de betting ou para plataformas não lineares. A verdade é que, por muitos estudos que haja, ninguém sabe ao certo como é que o mundo será daqui a sete anos nem como é que o futebol será consumido. "Ao não termos um modelo centralizado, temos pouca informação sobre o maior ativo do nosso produto: quem é que vê, em que dias, como, em que países?", lamentou Tiago Madureira, na já referida entrevista a Record.

# Os donos da bola juntos num canal

Defensores e negociacionistas dos benefícios da centralização convergem numa coisa: é essencial que a venda de direitos de transmissão da Liga portuguesa ocorra num ambiente de concorrência no mercado. Foi isso que, entre 2015 e 2016, fez disparar os direitos dos três grandes. Na altura, a Altice tinha acabado de comprar a Portugal Telecom e declarou guerra à NOS. Ambas tinham como estratégia introduzir nas suas grelhas canais exclusivos onde fossem transmitidos conteúdos premium, de forma a ganhar cota de mercado em relação aos concorrentes. A NOS adquiriu os direitos do Benfica e da BTV; a Altice respondeu com os do FC Porto; a NOS ficou com os do Sporting, pelo meio, V. Guimarães, Sp. Braga e vários outros clubes acabaram por assinar com um dos dois gigantes das telecomunicações, quase todos a conseguirem os melhores contratos da sua história. NOS e Altice enterraram o machado de guerra em meados de 2016, com a partilha de direitos e o con-

trolo conjunto da Sport TV – o canal que transmite quase todos os jogos da Liga portuguesa, com exceção dos 17 do Benfica em casa, é detido em partes iguais por NOS, Altice, Vodafone e Olivedesportos, numa operação de concentração que ocorreu em fevereiro de 2017. As três principais operadoras de TV, que controlam mais de 90 por cento do mercado nacional, passaram a controlar o futebol em direito no nosso país através de um monopólio. A Autoridade da Concorrência (AdC) nunca se pronunciou oficialmente sobre esta concentração. Mas, curiosamente, pouco tempo antes tinha proibido uma operação do género. Entre 2013 e 2014, quando Zon (antecessora da NOS), PT (mais tarde comprada pela Altice) e Olivedesportos tentaram deter em partes iguais a Sport TV, a AdC decidiu proibir a operação de concentração por considerar que era "susceptível de criar entraves significativos à concorrência efetiva no que respeita aos seguintes mercados: o mercado de direitos de transmissão tele-

visiva de conteúdos desportivos premium, o mercado de canais de acesso condicionado com conteúdos desportivos premium e nos mercados a jusante destes". "A falta de concorrência é sem dúvida o maior obstáculo a que se consiga valorizar os direitos televisivos dos jogos da primeira liga. Sem concorrência, dificilmente os valores chegarão sequer aos valores atingidos na negociação anterior", sublinha Pedro Brinca. Entretanto, em 2018, Portugal recebeu mais um canal premium de desporto, a Eleven, que tem adquirido direitos de várias competições premium internacionais, como a Liga dos Campeões e os campeonatos espanhol, alemão, francês e inglês. O grupo inglês já fez saber que está interessado em meter a mão em pelo menos uma fatia dos direitos da Liga portuguesa, mas há novos players a chegar, em especial no mundo digital. E empresas como Amazon, Google ou DAZN poderão ser os concorrentes de que a Liga e os clubes precisa para fazer disparar o tamanho do bolo.



**UNIÃO.** Mário Vaz, CEO da Vodafone, Miguel Almeida, CEO da NOS, e Paulo Neves, antigo CEO da Altice Portugal, juntaram-se à Olivedesportos no capital da Sport TV em 2016

## Pirataria é preocupação comum

Um ponto em que todos concordam é o combate eficaz à pirataria na transmissão de jogos. Para isso, será preciso ajuda das autoridades judiciais e do Governo, a quem são exigidas alterações legislativas que punam de

forma mais rápida e eficaz quer os fornecedores quer os consumidores de conteúdos pirateados. Segundo informação de Pavão de Sousa, da Eleven, num jogo grande da Liga portuguesa, chega a haver mais de 500 mil transmis-

sões ilegais a correr IPs nacionais. Mais do que o número de subscritores total de qualquer um dos canais premium de desporto pagos no nosso país e dinheiro que não chega a quem devia ser o dono dos direitos: os clubes.

PEDRO BUAS/ARQUIVO